

## 075 CARTÃO POSTAL VIAJANTE: LEITURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marilu Martens OLIVEIRA (UTFPR)<sup>11</sup>

Mestranda Raquel Haruka FUJII (UTFPR)<sup>12</sup>

**Resumo:** Considerando a presença do conceito de interdisciplinaridade no cenário contemporâneo da educação brasileira, o presente trabalho tem como objetivo principal focar o *cartão postal* como objeto de estudo capaz de percorrer diversas disciplinas das Ciências Humanas como a Arte, a Geografia, a História e as Letras. Surgido em meados do século XIX, o descendente dos envelopes impressos com ilustrações e fotos tornou-se o item primordial para os cartofilistas, pessoas que colecionam postais de diversos temas e lugares do mundo. Busca-se, ainda, sugeri-lo como um meio de incentivo à leitura e à escrita, calcando-se teoricamente nos estudos de Certeau (2014), Manguel (2004) e Costa Neto (2010) sobre o leitor e a formação de significados. Também será traçado um breve histórico dos *Postcards* nos estudos de Elliott (2014), intencionando, portanto, indicar os aspectos estruturais e funcionais do postal, retratando sua versatilidade e potencialidade. Por fim, serão apresentados o *Etegami* - a arte do cartão postal japonês - e a *rede social Instagram* como produtos que atendem a papéis similares na contemporaneidade, com apoio nas produções da artista americana Deborah Davidson (2014) e nos resultados de busca das *hashtags postcard, postcard* e *cartão postal*, com o intuito de verificar quais particularidades se mantiveram, mesmo com a influência da comunicação instantânea e virtual.

**Palavras-chave:** cartão postal; interdisciplinaridade; leitura.

---

<sup>11</sup> yumartens@hotmail.com

<sup>12</sup> r.harukafujii@gmail.com

## **1 INTRODUÇÃO: PREPARATIVOS**

Que professor não ouviu alguma vez a pergunta “Para que preciso aprender isso?”, ou “Onde vou usar isso na minha vida? ”, independentemente de sua área de estudo? Muitos possuem a concepção de que os conteúdos abordados nas salas de aula são somente para passar nas avaliações trimestrais e que não têm relação alguma com sua vida fora da escola, a menos que talvez estejam inclusas no “vai cair no vestibular”. Essa é uma concepção equivocada, pois, se observarmos o nosso entorno, poderemos ver as diferentes disciplinas envolvidas no simples ato de fazer um bolo: as Letras, para decifrar a receita; o olhar da Arte fotográfica percorrendo o bolo; as reações Químicas, no encontro do fermento com os outros ingredientes; as reações Biológicas despertadas pelas glândulas palatares.

Assim, com o intuito de contribuir para o aprendizado dos alunos, a interdisciplinaridade surgiu como tentativa de retomar o diálogo entre as disciplinas que se fragmentaram, como por exemplo, as Ciências da Natureza sendo separadas em Biologia, Química e Física. Portanto, parte-se da concepção de que a construção do conhecimento é um processo gradativo que possibilita o desenvolvimento da reflexão, permitindo que se perceba o que está relacionado com o outro e, conseqüentemente, consigo e sua realidade. Para tal, utilizamos do artifício da leitura para abrir as relações entre as matérias, como apresentaremos no decorrer deste estudo.

## **2 INICIANDO O VOO: LEITURA**

Há inúmeros pesquisadores que estudam a *história da leitura*. Considerando que a nossa memória é vulnerável, especialmente no que tange ao tempo, Manguel (2004) cita a probabilidade de a origem da escrita estar no desenho de símbolos que as pessoas faziam para se lembrar de algo, como o número de cabeças de boi pertencentes à família. Dessa forma, a marcação em uma superfície que transmitisse

uma mensagem para si ou para outros como “[...] algo intangível - um número, uma notícia, um pensamento, uma ordem – (que) podia ser obtido sem a presença física do mensageiro; magicamente, podia ser imaginado, anotado e passado adiante através do espaço e do tempo.” (MANGUEL, 2004, p. 130). E simultaneamente à criação da escrita, surgiu a leitura, pois, se há um remetente, existe um destinatário. Escreve-se porque se precisa responder a uma necessidade: lembrar, informar, relatar. Mas o texto escrito, por si só, é apenas mero conjunto de símbolos, inerte como uma pedra. Ele necessita da presença do leitor para que os códigos sejam decifrados, dando significância às palavras, para então, o texto se concretizar. Costa Neto (2010, p. 107), partindo do conceito apresentado por Bakhtin, dispõe que “Nenhum texto é neutro, nenhum texto é vazio ou opaco, pois o texto é resultado [...] de uma interação entre sujeitos. ”. Qualquer que seja o assunto relatado, o escrevente deixa, mesmo inconscientemente, pistas sobre si e do repertório que o constitui; e o leitor filtrará com os olhos os assuntos que lhe interessam, capturando as palavras que se conectam com sua biblioteca particular, por vezes compreendendo uma abordagem diferente da exposta pelo escritor.

Para Manguel (2004, p. 130),

[...] a relação primordial entre escritor e leitor apresenta um paradoxo maravilhoso: ao criar o papel do leitor, o escritor decreta também a morte do escritor, pois, para que um texto fique pronto, o escritor deve se retirar, deve deixar de existir. Enquanto o escritor está presente, o texto continua incompleto. Somente quando o escritor abandona o texto é que este ganha existência. Nesse ponto, a existência do texto é silenciosa, silenciosa até o momento em que um leitor o lê. Somente quando olhos capazes fazem contato com as marcas na tabuleta é que o texto ganha vida ativa.

Quando lemos, exploramos o universo existente nele e nós nos aventuramos tal como Indiana Jones – buscando o tesouro em um terreno desconhecido e utilizando nossas habilidades. Procuramos em nossa biblioteca mental memórias de leituras anteriores, experiências e sensações vividas, o conhecimento para nos auxiliar a decifrar os enigmas e mensagens ali presentes. Esse repertório é parte de nossa

identidade que se enriquece a cada nova viagem entre palavras e imagens, absorvendo novas informações.

Em **A invenção do cotidiano – artes de fazer**, Certeau (2014) estabelece uma analogia do texto com um apartamento: os escritores são os proprietários; os leitores, os inquilinos, na medida em que estes últimos se utilizam da propriedade de outro, mesmo que por alguns instantes. Apropria-se o espaço de outrem e pode-se, nas palavras de Paulino (2001, p. 9), “ampliar, recriar ou mesmo desconstruir”. O leitor pode, ainda, deixar memórias, vestígios da sua presença para os inquilinos futuros – através dos livros emprestados ou de segunda mão. O leitor não apaga o mundo do autor e tampouco se torna dono dele, mas acaba por criar um novo universo onde transforma tudo o que coletara até então, de outra forma. Para Manguel (2014, p. 12), os livros eram um refúgio – um local onde ele “podia habitar exatamente como queria, a qualquer momento, por mais estranho que fosse o quarto em que tivesse de dormir ou por mais ininteligíveis que fossem as vozes do lado de fora da minha porta”. Assim, quando lemos, relacionamos o lido com o que nos é familiar. Cada releitura traz uma nova informação, ou uma nova visão. Um único texto pode ter diferentes interpretações, realizadas por diferentes leitores, dependendo do repertório de cada um. Pode ainda ser abordado de diversas maneiras por um único leitor.

São inúmeras, por conseguinte, as maneiras pelas quais podemos analisar um texto. Costa Neto (2010) menciona a frequente presença da palavra *interpretação* nas pesquisas sobre a leitura e apresenta três modos de assimilação. O primeiro, no qual se procura a voz do autor, partindo do pressuposto de que posso compreender uma obra se entendo seu autor; o segundo modo apresentado, é o da abordagem estrutura gramatical e/ou textual; e o terceiro, a análise do discurso, que envolve o contexto histórico-social em que o texto foi criado. Eles são interligados uns aos outros, e separá-los pode empobrecer sua compreensão.

Procedendo aos três tipos de análise indicados por Costa Neto (2010), podemos compreender que, considerando a vasta quantidade de textos disponíveis em formatos, autores e assuntos distintos, estamos cercados por um oceano de conhecimentos que

estão esperando que estiquemos as mãos para alcançá-lo. Dentre diversos suportes e gêneros textuais, elencamos o *Cartão Postal* como o objeto-principal, com o intuito de apresentar um meio pelo qual, através das leituras, é possível estabelecer conexão com diferentes áreas

### 3 A TRAVESSIA: CARTÃO POSTAL

O *cartão postal*, ou simplesmente *postal*, é uma simplificação da carta. Em inglês, há uma distinção entre o *postcard* e o *postcard*: o primeiro necessita a aquisição de selo; o segundo tem o selo já impresso nele. O envio do cartão postal fora muito popular antes da Internet se tornar um elemento presente nos lares de grande parte da população. Era comum encontrar ambulantes e lojas de souvenirs comercializando essas simpáticas lembrancinhas próximo aos pontos turísticos, e o baixo custo para o envio delas era um dos fatores que favoreciam a sua escolha. Eram também populares por conterem diversos temas, possibilitando traçar-se uma história por meio delas. Não somente atendiam aos anseios do desejo de compartilhar o momento com alguém, mas também foram um veículo de propaganda comercial e política.

De acordo com os estudos de Elliott (2014), o primeiro cartão postal – *postcard* – foi oficialmente emitido na Áustria, em 1869, e tinha 12,2 x 8,8 cm, impresso sobre papel cor de creme, com tinta preta e a inscrição *Correspondenz Karte* – carta de correspondência –, nome e endereço do destinatário. No verso se escrevia a mensagem desejada. Era regra não colocar nada além dos dados do receptor – contrariá-lo poderia acabar com uma taxa para o recebimento dele. Em meados de 1897, o governo não mais proibiu que se escrevessem mensagens junto dos dados do recebedor. No mesmo período, a empresa Valentine tinha obtido sucesso em reproduzir tecnicamente imagens em postais com uma técnica litográfica chamada *fototipia*. No início de 1902, o chefe dos correios aprovou o uso da linha vertical divisória nos postais, onde a

mensagem e endereço dividiam o mesmo lado, detalhes que permanecem até os dias de hoje nos cartões.

Para os cartofilistas, colecionadores de postais, o objeto pode ser novo ou usado dado que o que lhes interessa são o *design*, material do suporte, ilustração, estrutura e diagramação. Um pouco diferente é o interesse dos filatelistas – pesquisadores e/ou colecionadores de selos postais –, que buscam os selos pelos seus valores históricos, aspectos geográficos e séries temáticas como categoria para suas coleções.

O *cartão postal*, no formato como o conhecemos hoje, possui duas faces: o verso é constituído por um espaço reservado para escrever uma mensagem, nome e endereço do destinatário e local para selo; no anverso, está a foto ou ilustração de temas diversos. De acordo com o site dos Correios (2019), as dimensões podem ser entre 10,5x14,8cm a 10,5x22,4cm, pesando até 20 gramas/cada, e não deve ser envolto por um envelope ou qualquer outro aparato.

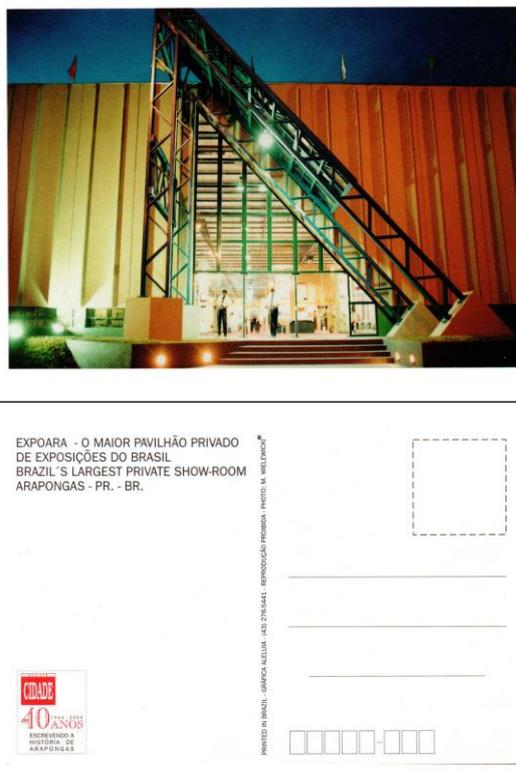


Figura 1 – Cartão Postal de Arapongas (PR) - EXPOARA. (Fonte: Revista Cidade, [2004?])

Baseando-se nas três análises previamente citadas, indicadas por Costa Neto (2010), podemos, partindo do verso do postal, realizar uma leitura do contexto sócio-histórico no qual ele foi escrito e enviado, descobrir recortes da vida do remetente, qual a relação entre os interlocutores, a grafia e a linguagem utilizadas, a ligação entre o local visitado e o destino do postal. Também conhecer elementos culturais, históricos, turísticos e artísticos de diferentes localidades pelas imagens presentes no anverso, além de se apropriar das impressões que o remetente teve no local que visitou. Ora, com nossa mente, podemos visitar o espaço retratado ou apreciar uma obra com o auxílio do registro imagético, recriando o momento a partir das palavras do visitante.

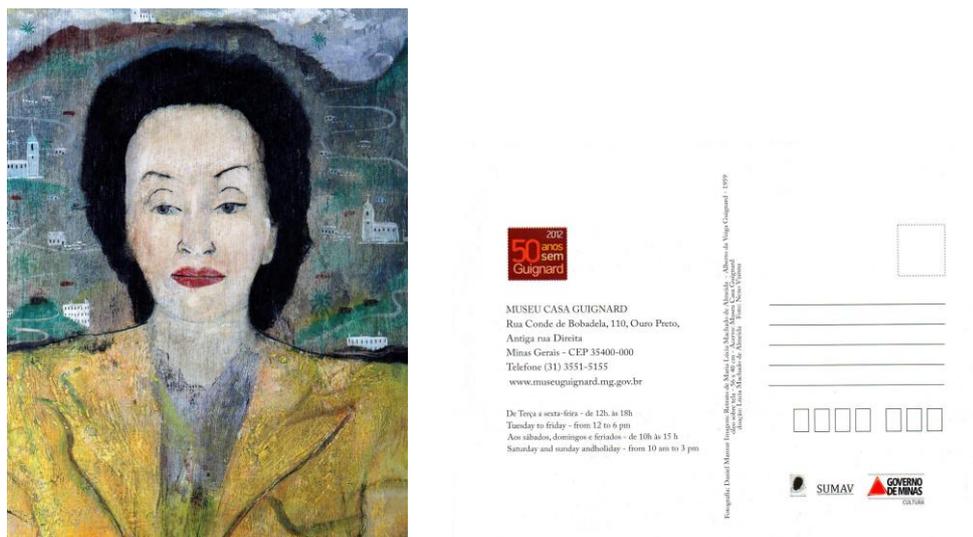


Figura 2 – Cartão Postal Retrato de Maria Lúcia M. de Almeida. (Fonte: Museu Casa Guignard)

Além das inúmeras leituras permitidas a partir do postal, podemos também utilizá-lo como suporte para a criação textual e artística. Por exemplo, no corpo do texto do postal acima, há a possibilidade de se escrever como se fôssemos estudantes paranaenses de Artes Visuais, em visita ao Museu Casa Guignard, relatando impressões sobre o acervo, para um professor de história da arte que não pode ir; ou para uma prima que gosta de romance; ou ainda um outro para a avó que morou em Ouro Preto durante sua juventude. A linguagem pode metamorfosear-se entre a culta, a formal e a

informal, a abordagem diferenciando-se dado o interlocutor. Para o professor, além das impressões, curiosidades históricas e técnicas que percebeu podem aparecer no texto; para a prima, o relato da série das cartas e compará-lo com as novelas e os livros que ela acompanha; e para a avó, acrescentar comentários sobre as paisagens vistas e registradas pelo artista. Pode ainda, esse mesmo estudante, fazer intervenções no anverso do postal com a obra de Guignard, ou criar ilustrações em um *canvas* branco - espaço vazio pronto a receber intervenções como uma folha de papel. Existe também uma arte do cartão postal onde os praticantes se expressam com diferentes técnicas artísticas na parte frontal do suporte: o *Etegami*.

#### **4 ALGO DIFERENTE: O ETEGAMI**

De acordo com a artista americana Deborah Davidson (2014, p.1), conhecida na Internet como *dosankodebbie*, *Etegami* (*e* = imagem; *tegami* = carta) é “[...] uma forma de arte postal japonesa que une simples desenhos pintados à mão com palavras” (tradução nossa). Surgiu quando Koike Kunio, na época um estudante de caligrafia, calcou-se nas artes tradicionais japonesas, que já lhe eram familiares, e mesclou singelas ilustrações com palavras cuidadosamente eleitas para ilustrar os cartões postais de ano novo, *nengajō*, a serem enviados para um amigo que o ajudou a estudar as possibilidades desta expressão artística, sob o conceito citado por Davidson (2014, p. 5): a “[...] dos postais de ano novo com roupas do dia-a-dia” (tradução nossa).

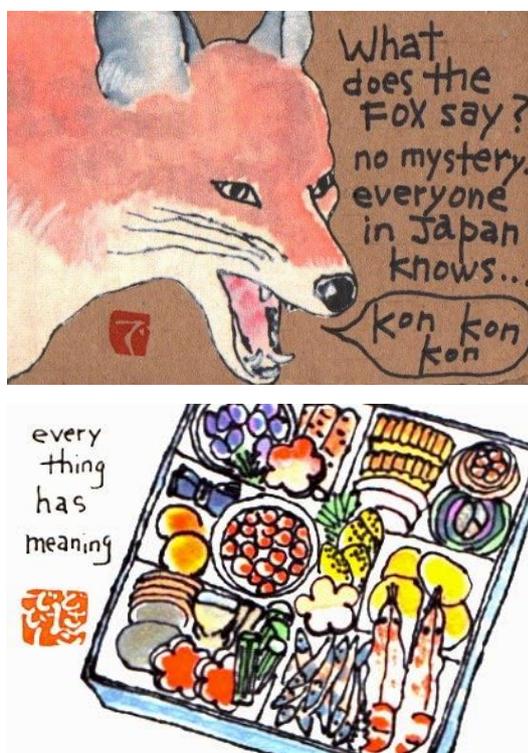


Figura 3 (à esquerda) - *What does the fox say?* (Fonte: dosankodebbie, 2014)

Figura 4 (à direita) - *Osechi* (Fonte: dosankodebbie, 2014)

São retratados nos *etegamis* objetos do cotidiano que estão à sua volta, observações do seu dia e/ou do momento, uma reflexão sobre uma citação, poema ou música. Davidson (2014) apresenta sua resposta para a música *What does the fox say?*, da dupla norueguesa Ylvis, na figura 3. Pessoas que já ouviram o *hit*, logo fazem a ligação com ela e, aqueles que já tiveram acesso a livros e músicas japonesas infantis acham graça na resposta de Davidson.

Já a figura 4 faz parte de uma série de *etegamis* que a artista produziu sobre pratos da culinária japonesa que ela considera ter ligação com a identidade cultura da terra do Sol Nascente. É uma ilustração do *Osechi*, nome dado para o prato típico de ano novo. A frase *'everything has meaning'* – “tudo tem significado” (tradução nossa) – nos informa que não é um mero prato com uma diversidade de alimentos, mas que cada

uma delas tem uma razão para sua participação naquela caixa, pelas cores, formas ou jogo de palavras.

Como apresentado nas figuras 3 e 4, o *etegami* permite uma liberdade de expressão, seja por imagens, seja por palavras suas ou emprestadas de outros. E, para quem os recebe, diferentes leituras são possíveis, considerando que cada leitor utiliza seu próprio repertório e particularidades para absorver as informações contidas nele.

## **5 HASHTAGS POSTCARD, POSTALCARD E CARTÃO POSTAL**

Como já apontado, o envio do cartão postal tem-se reduzido por conta da praticidade e rapidez que a Internet nos oferece. Dentre as redes sociais mais utilizadas pelos internautas, elencamos o Instagram, cujo foco principal é o compartilhamento de fotos com seus contatos. Podemos considerá-lo um diário imagético, que registra com as lentes do smartphone – dado que ele não permite o *upload* pelo computador – o mundo a partir de seu olhar. Quando as pessoas fotografam, fazem recortes do ambiente ou do objeto, a partir do que lhes agrada, e aqui relembramos, somos o que vivemos, lemos, ouvimos e escrevemos.

**II ENSEL – ENCONTRO SOBRE ENSINO DE  
LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR:  
A SUBJETIVIDADE AINDA NO JOGO  
7 E 8 DE MAIO DE 2019  
ISBN: XXXX-XXXX**

---

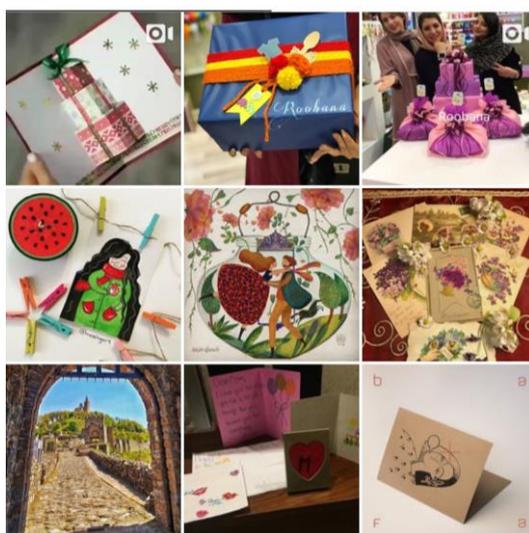


Figura 5 (à esquerda) – Top 9 #cartãopostal (Fonte: as autoras)

Figura 6 (à direita) – Top 9 #postcard (Fonte: as autoras)

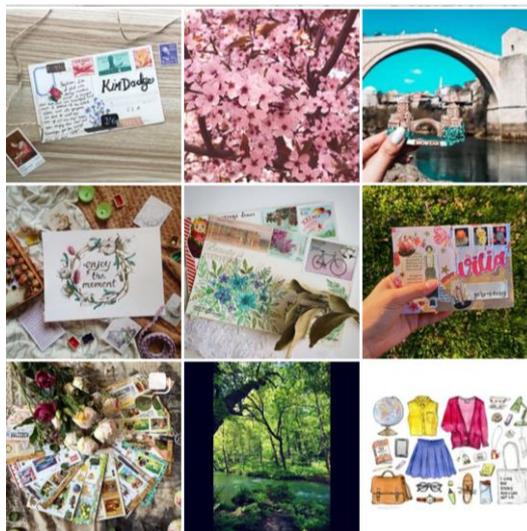


Figura 7 – Top 9 #postcard (Fonte: as autoras)

Com as figuras 5, 6 e 7, ilustramos os nove primeiros resultados da pesquisa, pelas *hashtags* cartão postal, *postcard* e *postcard*. É interessante perceber que enquanto a maioria das fotos com o termo em inglês estejam relacionadas com o objeto (manufaturado ou não), a *#cartãopostal* apresentou 7 dentre 9 fotografias utilizando o termo “cartão postal” como forma de mencionar que tal local é um ponto turístico.

Quando queríamos compartilhar a vista ou o momento com alguém em uma viagem, tínhamos de desenhar, comprar um postal - que já continha a imagem desejada -, ou fotografar. Não somente demorava bastante tempo para que ele chegasse ao destinatário, e, como no caso da fotografia, teríamos de esperar a foto ser revelada para então ser enviada. Com o advento dos *smartphones*, a comunicação se tornou rápida, por vezes podendo ser transmitida imediatamente com os *lives* e as vídeo chamadas. Podemos considerar o Instagram uma versão virtual do cartão postal: a simples mensagem no verso do postal estaria para a legenda do aplicativo; o anverso e a fotografia/curto-vídeo; e os destinatários, os *followers*.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O CARTÃO CHEGA AO DESTINATÁRIO

Sinteticamente, foram ilustradas questões como a relação do ler e escrever, assim como da intertextualidade presentes nos objetos do estudo: o cartão postal e o *etegami* (arte do cartão postal japonês). Ainda abordamos as novas formas de comunicação e seus suportes virtuais.

Ficou evidente a importância da interdisciplinaridade na educação brasileira e que, para adquirirmos conhecimento, precisamos observar o objeto em questão pelas várias faces do prisma, pois nenhum conhecimento é isolado. Dessa forma, sugerimos a utilização do cartão postal nas escolas como um material de apoio para a motivação dos estudantes (em diferentes áreas do conhecimento) na construção do saber, além de nos reportarmos ao seu aspecto lúdico.

## REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 22. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CORREIOS. **Cartão postal** – Correios: encomendas, rastreamento, telegramas, cep, cartas, selos, agências e mais! 2019. *Website*. Disponível em: <https://www.correios.com.br/a-a-z/cartao-postal#tab-1>. Acesso em: 27 abr. 2019.

COSTA NETO, Benedito da. Produtores de significado. *In*: BORGES, Ana Gabriela Simões; ASSAGRA, Andressa Grilo; ALDA, Clarice Guterres López de. (Org.). **Leitura: o mundo**. Curitiba: Instituto RPC, 2010. p. 98-109.

DAVIDSON, DEBORAH. **A beginner's guide to Etegami**. Blurb, 2014. *E-book*. Disponível em: <https://www.blurb.com/b/5118197-a-beginner-s-guide-to-etegami?ebook=463675>. Acesso em: 27 abr. 2019.

DOSANKODEBBIE. **Osechi**. Disponível em: [http://1.bp.blogspot.com/-UwOUFF4\\_x3Y/UyokShzZhYI/AAAAAAAAIww/BVEL1SrbKjc/s1600/Eph2.10+1.jpeg](http://1.bp.blogspot.com/-UwOUFF4_x3Y/UyokShzZhYI/AAAAAAAAIww/BVEL1SrbKjc/s1600/Eph2.10+1.jpeg). Acesso em: 28 abr. 2019.

DOSANKODEBBIE. **What does the fox say?** Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/>

II ENSEL – ENCONTRO SOBRE ENSINO DE

LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR:

A SUBJETIVIDADE AINDA NO JOGO

7 E 8 DE MAIO DE 2019

ISBN: XXXX-XXXX

---

Q8xNEVur\_7o/U79KKSqs4jI/AAAAAAAAJL0/HgNN5akf5Qs/s1600/10478185\_10204445599042743\_2623449370552666064\_n.jpg. Acesso em: 28 abr. 2019.

ELLOTT, Gerald J. MNZM RDP FRPSL FRPSNZ. **Postcards**: a short history 1869-1918. Fev, 2014. Disponível em: <http://ellott-postalhistorian.com/articles/Postcards.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2019.

MANGUEL, Alberto. **História da leitura**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. *E-book*. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-uma-historia-da-leitura-alberto-manguel-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>. Acesso em: 25 abr. 2019.

PAULINO, Graça *et al.* **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.